

SEUS OLHOS E OUTROS ABISMOS

HIS EYES AND OTHER CHARMS

Carol Daia¹

Eu me lembro

daquele dia

daquele tempo

daquele toque

o seu toque

cheio de dor, uma agonia que eu não conseguia

me livrar

Éramos algo que nunca podia ser

não que fosse proibido ou impuro,

Você era você e eu era

aquilo.

Era tarde de verão, esperávamos o fim da

chuva

¹ Pseudônimo de Caroline Dias Gabani. Contato: coraldaia@gmail.com

O mundo caía à nossa volta e nossa pele encharcava

O céu todo escuro me lembrava

seus olhos feitos de latão

Eu me perdia no brilho deles, quase não vi a chuva parar

eu até me esquecia

de mim

"Você está ensopada", você riu

de mim

e me deixou para trás

Você andou de volta para casa levando as compras para o café da tarde

pisando em poças que ainda pingavam do céu

Eu fiquei plantada na rua

erva daninha

Não era? Diante seus olhos,

ainda sou.

Descemos a rua acompanhando a enxurrada

Era tarde de domingo, o comércio

fechado

as ruas

vazias

e nós

distantes

Eu já perdi as contas de quantas vezes perdemos o contato

deixamos nossas mãos separadas

criamos um

abismo

entre nós dois

Na realidade,

confesso que não sei por que você faz isso

ou aquilo

Você é uma

incógnita

Uma interrogação tão grande

que a dúvida cresce e me consome

Desde quando

eu deixei de ser sua?

O semáforo trocou as luzes e mesmo no vermelho nós atravessamos

Não há carros nessa cidade

Nem vivalma

As pessoas deixaram de partilhar sua própria companhia

Restamos só nós dois

seus pais

seus amigos

e seu cachorro

Desde quando

eu deixei de ser sua?

Minha presença não passa de um encosto, uma sombra na parede, um suspiro
no pescoço

Eu sou nada senão

fugaz.

Eu o acompanho pela faixa de pedestre, atravessamos a rua e um carro vem

devagar, descendo a rua, apreciando o cheiro da

chuva

É um amigo seu. Vocês se cumprimentam com um aceno rápido

Assim como você

eles são.

Me ignoram

A enxurrada salta quando eles viram a esquina

E eu continuo

ensopada

"Poxa, e eu aqui?"

"Você

o quê?"

"Eu também existo."

Seus olhos sorriem

pois

nem parece

Tal qual uma vela,

com um sopro você me apaga

não sobra nem um fio

de fumaça

Então eu decido.

Eu já estou cansada.

Eu não.

Eu *não*.

Não aguento mais

esse

descaso

essa

indiferença

essa

crença

de que não sou.

Eu largo as sacolas

As compras quebram no chão
A jarra de suco tinge a calçada de púrpura
Chega.
Eu não.
Seus olhos me encaram
E eu sustento
 seu abismo
 no olhar
"O que há com você?"
Eu retruco
"O que nunca houve comigo?"
Você
 nunca houve comigo.
Você
 nunca pertenceu a mim
igual eu
 pertenci a você."
Ah, a audácia
me queimou o estômago
quando você deu de ombros e fingiu que o problema
era comigo

Talvez eu fosse.

Talvez eu pudesse ser.

Sim,

eu poderia ser.

E eu vou.

Com o queixo erguido, eu desvio o olhar

Com os braços cruzados, eu me assumo

Sou fugaz.

Sou um problema.

Sou o abismo que o encara de volta.

Mas não sou mais sua.

"Quer saber,

não quero mais você.

Adeus."

Um ciclone tempestuou seu rosto

Azedo, estragado,

você franze o cenho

"O que você está querendo dizer?"

Como assim você está me deixando?, você omite

A época de ser seu pano de chão deixou de existir.

Lide com isso.

Suas mãos estão ocupadas com as sacolas,

mas eu reconheço sua vontade

de me agarrar pelos braços

e me chacoalhar de volta à sua realidade.

Como assim você é sua própria?

E não *minha*?

Então eu percebo

seus olhos são um abismo

e agora

eles estão uma bagunça.

A pessoa sempre tão certinha

engomadinha

almofadinhas

que me expunha para os amigos

não como uma parceira

mas um troféu

de caça

e mesmo assim nunca me assumira como uma conquista

mas um passatempo

Agora você está aos pedaços

Sem mim como apoio, você esfarela

O caos aparece no abismo dos seus olhos, e eu não desvio o olhar.

Minhas mãos

estão livres do peso que eu carregava.

Agora elas podem abraçar meu próprio corpo,

acariciar meu próprio cabelo,

saciar meu próprio desejo

sem se preocupar em te agradecer ao mesmo tempo.

Destruído,

você tenta avançar

mas já é tarde

Eu me deleito

me alimento

da sua destruição

e estou

diante de um banquete.